

OS CONHECIMENTOS INDÍGENAS E A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS PESQUISAS DE PÓS-GRADUANDOS INDÍGENAS: UM PASSO À FRENTE

INDIGENOUS KNOWLEDGE AND THE INTERNATIONALIZATION OF
INDIGENOUS GRADUATE STUDENT RESEARCH: A STEP FORWARD

LOS CONOCIMIENTOS INDÍGENAS Y LA INTERNACIONALIZACIÓN DE LAS
INVESTIGACIONES DE POSGRADUANDOS INDÍGENAS: UN PASO ADELANTE

Iraildes Caldas Torres¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4479

Recibido: 02/01/2026 | Aceptado: 26/01/2026 | Publicación en línea: 05/02/2026.

RESUMO

Este estudo se ocupa de uma abordagem sobre os conhecimentos indígenas e sua aplicação prática, tendo por base pesquisas pós-graduadas desenvolvidas por indígenas. Trata-se de uma abordagem que chama a atenção para a necessidade de reconhecimento da ciência indígena, nomenclatura que vem ganhando notoriedade nos escritos de autores indígenas no Brasil. A pesquisa pós-graduada na qual estão inseridos estudantes indígenas contribuiu para abrir esta discussão no contexto internacional, numa ação integradora de trocas, especialmente num contexto internacional indígena como é o caso da Bolívia. A cidade de El Alto habitada por indígenas, encontra-se localizada no altiplano boliviano e vem recebendo estudantes de pós-graduação do Brasil em estágio de bolsa sanduíche, desde 2023. Trata-se de uma política de ação afirmativa da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, consignada no Edital Abdias Nascimento de fomento à bolsa sanduíche para indígenas e populações quilombolas. Neste trabalho é dada ênfase à temática indígena. A metodologia é centrada num cotejamento de dados teóricos assomados às minhas reflexões como pesquisadora indigenista e integrante da missão científica realizada na Universidad Publica de El Alto, em tempos recentes. Os resultados deste empreendimento apontam um salto qualitativo da política científica do Brasil, dirigida pela Capes, concluindo-se pela valorização institucional da ciência indígena.

Palavras-chave: Ciência Indígena. Internacionalização. Pós Graduação. Estudantes Indígenas. Brasil/Bolívia.

ABSTRACT

This study focuses on an approach to indigenous knowledge and its practical application, based on postgraduate research developed by indigenous people. This approach draws attention to the need for recognition of Indigenous science, a term that has been gaining prominence in the writings of Indigenous authors in Brazil. Postgraduate research involving Indigenous students

¹ Pós-Doutora em Antropologia Social, Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: iraildes.caldas@gmail.com

has contributed to opening this discussion in an international context, through an integrative exchange, especially within an international Indigenous context such as Bolivia. The city of El Alto, inhabited by indigenous people, is located in the Bolivian highlands and has been receiving postgraduate students from Brazil on sandwich scholarship programs since 2023. This is an affirmative action policy of CAPES – Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – outlined in the Abdias Nascimento Call for Proposals to support sandwich scholarships for indigenous and quilombola populations. This work emphasizes indigenous themes. The methodology centers on a comparison of theoretical data combined with my reflections as an indigenous researcher and member of the scientific mission carried out at the Universidad Publica de El Alto in recent times. The results of this undertaking point to a qualitative leap in Brazil's scientific policy, directed by CAPES, concluding with the institutional valorization of indigenous science.

Keywords: Indigenous Science. Internationalization. Postgraduate Studies. Indigenous Students. Brazil/Bolivia.

RESUMEN

Este estudio se centra en un enfoque del conocimiento indígena y su aplicación práctica, basado en la investigación de posgrado desarrollada por pueblos indígenas. Este enfoque llama la atención sobre la necesidad de reconocer la ciencia indígena, un término que ha cobrado relevancia en la obra de autores indígenas de Brasil. La investigación de posgrado con estudiantes indígenas ha contribuido a abrir esta discusión en un contexto internacional, a través de un intercambio integrador, especialmente en un contexto indígena internacional como Bolivia. La ciudad de El Alto, habitada por indígenas, se encuentra en el altiplano boliviano y ha recibido estudiantes de posgrado de Brasil con becas sándwich desde 2023. Esta es una política de acción afirmativa de CAPES – Coordinación para la Mejora del Personal de Educación Superior, consagrada en la Convocatoria Abdias Nascimento para Becas Sándwich para Poblaciones Indígenas y Quilombolas. Este trabajo enfatiza temas indígenas. La metodología se centra en una comparación de datos teóricos combinada con mis reflexiones como investigador indígena y miembro de la misión científica llevada a cabo en la Universidad Pública de El Alto en los últimos tiempos. Los resultados de este emprendimiento apuntan a un salto cualitativo en la política científica de Brasil, dirigida por CAPES, que concluye con la valorización institucional de la ciencia indígena.

Palabras clave: Ciencia Indígena. Internacionalización. Estudios de Posgrado. Estudiantes Indígenas. Brasil/Bolivia.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Este estudo expõe uma abordagem sobre os conhecimentos indígenas ou ciência indígena

como tem sido referenciado pelos escritores indígenas. Trata-se de uma discussão que se põe na ordem do dia da pós-graduação brasileira, no que diz respeito às pesquisas sobre temas indígenas e com estudantes indígenas.

Os povos indígenas construíram seu sistema de conhecimentos em tempos imemoriais, numa tecnologia de oralidade repassada de geração a geração que perdura até os dias atuais. Esses conhecimentos dinâmicos e reatualizados, constituem-se em reservas cognitivas, capazes de formar as bases do viver comunitário em todos os tempos. São conceitos e noções sobre o trabalho, organização social, relações de parentesco, relações interétnicas, crença, espiritualidade e outros elementos que constituem o seu modo de ser e estar no mundo.

A pedagogia indígena é agenciadora de histórias, culturas, corpos, valores, modos de vida. Esta pedagogia reitera a competência da tradição oral que é a forma genuína de transmissão de conhecimentos aos povos originários. A implementação de políticas afirmativas por parte do Estado brasileiro vem ao encontro da necessidade de disseminação destes conhecimentos que deitam raízes nas ancestralidades, propondo mudanças conceituais e metodológicas no trato dos temas e da pesquisa com indígenas. Apresento no primeiro momento uma abordagem acerca da ciência indígena e no segundo momento faço uma análise sobre a internacionalização da pesquisa, desenvolvida por indígenas no contexto do estágio bolsa sanduíche.

O texto é construído a partir de uma metodologia de observação direta e intensiva no âmbito de minhas pesquisas com os povos indígenas, e sobretudo, no contexto de minha participação no processo de internacionalização destes conhecimentos na cidade de El Alto, na Bolívia. O objetivo central consiste em apresentar algumas noções que norteiam a perspectiva da ciência indígena, teórica e metodologicamente, somada a uma abordagem avaliativa sobre o processo de internacionalização dos conhecimentos indígenas, por meio da política afirmativa de bolsa sanduíche que tem na Capes o seu incentivo.

A CIÊNCIA INDÍGENA EM CONSTRUÇÃO NO BRASIL: IMPASSES E PERSPECTIVAS

Os estudos dos processos que envolvem a questão indígena no Brasil assentam-se num amplo domínio de pesquisas, que permitiram o desvendamento e a análise compreensiva do universo cosmológico e etnológico dos povos indígenas de nosso país. Permitiram-nos compreender os processos de fricção interétnica, suas formas de expressão artística; crenças e

espiritualidade; suas formas de percepção sobre o tempo e o espaço; a organização social; o trabalho e as técnicas; os usos das coisas, enfim, a relação do homem/mulher com a natureza.

Nesse campo investigativo tornou-se factível o afloramento de novos problemas, pois, na medida em que a historicidade das culturas indígenas é escrita com a letra eurocêntrica, é preciso acertar as contas com a história. O avanço dos estudos indígenas, a consolidação de grupos de pesquisas neste domínio, nas regiões brasileiras, juntamente com o importante desempenho do movimento indígena, contribuíram para a problematização da produção do conhecimento sobre o tema indígena feito por pesquisadores não indígenas.

A exploração científica do tema indígena no Brasil, especialmente na Amazônia brasileira, deu-se sob os auspícios das teorias ocidentais, cujos relatórios centrados em estudos etnográficos e antropológicos “falavam” pelos indígenas. Esses estudos com suas metodologias de cariz cartesiano deflagraram uma diversidade de questionamentos pelos quais as Ciências Humanas, a Filosofia, as Ciências Naturais, as Ciências Sociais e a própria cultura ocidental estão sendo compelidas a reavaliarem os seus fundamentos e as representações que fazem dos povos indígenas.

Ainda que a ciência moderna reveja os seus fundamentos no trato do tema indígena, não é suficiente. Não se trata de readequação de métodos, técnicas e metodologias, muito menos de teorias novas ou inovadoras. Trata-se da construção e instituição de uma nova ciência com cânones epistemológicos e metodológicos próprios, capazes de examinar questões específicas do conhecimento indígena e das várias culturas étnicas, a partir de suas próprias representações e modos de ser e estar no mundo.

Almeida (2008, p.18) é enfático em dizer que é preciso “romper com certas racionalizações eruditas que orientam esquemas interpretativos, que incidem numa postura apressada de generalizações sobre os povos indígenas”. Dentre essas produções científicas “tem-se os denominados ‘tratados’, ‘coreografias’, ‘porandubas’ e descrições cartográficas produzidas por administradores coloniais” (Ibidem, p.19).

Pesquisadores de formação acadêmica diversas como naturalistas, médicos, engenheiros, bacharéis em direito, militares, construíram esquemas interpretativos justificadores das diferentes formas de ver os nativos ou os naturais, como se refere João Daniel (2004). Trata-se de esquemas interpretativos reducionistas que acabam por compreender o indígena dentro da taxonomia de Lineu (1707 – 1778)² e de outros esquemas de abordagem iluminista e cartesiana.

² Carlos Lineu (1707 – 1778), médico sueco, responsável por classificar as coisas vivas em uma hierarquia, tanto

Desde o século XVI até o início do século XIX a classificação dos indígenas esteve assinalada por uma razão natural e biologicizada, descolada de uma historicidade, que conferisse autonomia identitária e originalidade diferenciada aos povos indígenas como sujeitos construtores de sua própria história. Sempre tratados sob a tutela do Estado, os diferentes povos indígenas, não tiveram condições históricas de expressarem seus conhecimentos e todos os seus aparatos de organização de trabalho e de seus acervos culturais.

Não se deve descurar do fato de que, em tempos mais recentes, alguns etnólogos aparecem como “parte integrante de ações identitárias de comunidades indígenas [...]”. É possível identificar complexas redes de relações que implicaram a interdependência entre a antropologia comprometida e os hábitos de pensamento” (Faulhaber, 2011, p.14). Isto, porém, não redundava em reservas cognitivas capazes de mudar a forma de pensar o tema indígena, que continua sendo amplamente interpretado sob os cânones do pensamento ocidental.

É possível escutar a sociedade indígena de outra maneira, por ela mesma, e não por meio de análise das representações culturais que antropólogos e grupos de pesquisadores fazem dos povos indígenas em nosso país. Há uma profunda insatisfação, diz Carvalho (2008, p.14), “com o paradigma do Ocidente que degenera o saber em concepções mutantes e fragmentárias, cindindo a cultura científica e a cultura das humanidades, descartando os paradoxos do espaço-tempo”. Insistir neste tipo de exame interpretativo acerca do tema indígena é manter o imperialismo dominante que produz reificações, determinismos, cisão homem-natureza, enfim, uma visão do sistema que se reduz a uma superposição de partes que se somam para alcançar a totalidade.

A ciência indígena está sendo construída nos domínios da interculturalidade como um ato criativo que prescinde de regras e métodos das verdades absolutas, pondo-se nas sendas da grandeza de seus conhecimentos ancestrais elaborados milenarmente. Uma ciência aberta, transcultural, múltipla e descolada de cânones dogmáticos. Uma ciência co-participativa, restauradora do contrato planetário e das relações de afetividade com a Terra-Pátria (Morin, 2007). Um amplo domínio de conhecimentos simultaneamente natural e sociocultural que emergem das narrativas, das filigramas, das matrísticas e das cepas ancestrais. Não é mais o conhecimento do fundo ou das profundezas, tal qual uma grande árvore que finca suas raízes no solo profundo da terra. É um conhecimento do instaurativo, dos encantados e do encanto.

para plantas, animais e seres humanos. O termo tapuia aferido ao indígena da Amazônia entrou na taxonomia de Lineu.

O conhecimento indígena abre picadas, alimenta-se de “uma cosmovisão orientada por valores éticos e crenças que têm como base, o seu modo de pensar o mundo, o homem e as suas condições objetivas e subjetivas de enfrentamento” (Pinto, 2022, p.54). Não é exatamente um conhecimento da escrita, mas sim da inscrita. A inscrição se manifesta por rastro, traços, limiar. O limiar é uma porta que se abre. A pedra dentro da água tem o sentido de inscrita, isto é o limiar e não o limite. O limiar é uma zona, um fluxo, uma transição ou uma passagem, como aponta Benjamin (2007).

O limiar borra a fronteira, mas não se mistura com ela. Não elimina a ontologia das criaturas. Se tenho sede e vou tomar água, uso um copo com água. Ao tomar a água o copo continua o mesmo (criatura), já a água é a inscrita. Os sons da Amazônia são fotografados pela memória, as paisagens são sonoras e o canto coletivo dos pássaros é um fenômeno mapeado nas mentes das pessoas. Quem faz o movimento da paisagem é a própria natureza. A narrativa ou o mito é uma cartografia que estabelece uma relação com o lugar, com a cenografia e com a espacialidade.

A linguagem escrita não dá conta de tudo. A oralidade pode dar conta das coisas. Para Skliar (2014, p.18), na linguagem escrita “alguém ocupa o lugar de alguém: é narrador, impostor [...], ocupa o lugar de outro, é tradução, sobreposição, é poética, política, é poder. Mas ocupa o lugar deles, delas”. Não obstante, é preciso atentar para o fato de que não se conhece o homem fora da linguagem. O que torna redutor as coisas, os fenômenos, a realidade, é a escrita.

O homem pode ser sobrenatureza (espírito) e natureza (matéria), mas, essa relação só é possível dentro de uma narrativa, um signo. Só podemos conhecer tendo como mediação o signo e, para conhecer, temos que primeiro abstrair. Sob o olhar da ciência indígena o ato de contar histórias é respeitoso, cuidadoso. Tem-se cuidado com as palavras empregadas na elaboração das histórias, pois, está se construindo narrativas que serão repassadas às novas gerações e se firmarão como conhecimento.

Na visão dos encantados o mundo tem seu fundamento debaixo da terra. Os pajés entram no mundo do fundo e veem as coisas que estão lá. Esse mundo é o céu na mitologia indígena. Isto desconserta, é uma nova topografia. Podemos também afiançar que no mundo indígena o mal não é o mal, é uma correlação de forças. O mito ou a narrativa é um recurso para salvar a razão. Note-se que esse recurso é utilizado no mito da caverna, Platão abandona o excesso de sentidos, ele sai do enunciado e entra na enunciação.

Veja que a ciência indígena possui outra dimensão de compreensão. São formas diferentes

de ver as coisas que não são aquelas da quantificação ou da constatação imediata dos fatos. Como nos lembra Lacan³ eu não vou para o embate com o real. Vou lidar com o real por meio do imaginário. Lacan percebeu que há uma impossibilidade de confrontar o real diretamente. Trata-se de uma dimensão da experiência que escapa da perspectiva da simbolização e da representação.

A lição ecológica nos ensina que a inscrita é tão importante quanto a escrita. A ilustração é uma inscrita e os desenhos são mais importantes do que a escrita. A cobra grande da Amazônia nos ajuda a fazer uma mirada selvagem (Fonseca, 2013). A geografia da Amazônia avistada do alto tem o formato de uma cobra. Ou seja, o rio Amazonas é serpenteado pela cobra que define a sua geografia. Esta inscrita diz muito sobre a Amazônia que é a região mais indígena do país, matizada por várias etnias, em cujas cosmologias está presente a cobra. De acordo com Fonseca (2013, p. 22),

Na literatura brasileira existe uma linhagem de escritores que podem ser considerados ofídicos. Logo, vai se falar em uma escrita ofídica, exatamente para mostrar como o imaginário da cobra, assim como aparece nos mitos indígenas amazônicos, ajuda a compreender procedimentos literários que são muito singulares da literatura produzida no Brasil e em alguns países da América Latina.

Para os indígenas a cobra é uma topografia, um mapa, um caminho que indica lugares, rotas, saídas e chegadas. A cobra não é só um personagem da literatura amazônica e do imaginário social, ela é um conceito que se metamorfosea, é um devir, uma potência, é uma coisa em transformação. Ela fala por si mesma numa grafia da paisagem, mas é preciso ter cuidado, pois ela é escorregadia, escapa pelos dedos, assim como a Amazônia que não se deixa apreender em seus mistérios. É uma região inapreensível, pois da inventabilidade de sua gente emerge um acervo imensurável de coisas dizíveis e indizíveis, visíveis e invisíveis.

O conhecimento indígena é ecológico. Vem da floresta, dos rios, das montanhas, dos montes, das colinas, das pedras, das cachoeiras, da terra, do encanto, da casa. A história desses povos não vem de mentes ilustradas, vem da pele, do corpo, do cachimbo fumado em muitas luas, em muitas pescarias. Estas são epistemes de conhecimento que tem alcance no contexto indígena porque falam por si. O indígena ao mesmo tempo em que é o sujeito da enunciação, é também o sujeito do conhecimento ou de sabedorias acumuladas. Barreto (2022) refere-se a uma etnografia da casa, uma metodologia que se põe nas sendas da apreensão do conhecimento dentro da casa,

³ O imaginário, o real e o simbólico. Conferência ministrada por Jacques Lacan, em julho de 1953 na Fundação da Sociedade Francesa de Psicanálise.

no próprio viver cotidiano, onde florescem as histórias, as relações familiares, os preceitos éticos, a organização do trabalho, enfim, o viver de todos os dias.

Esse tipo de produção de conhecimento, sua discussão e debate, já começou no Brasil, e até algumas produções de teses de doutorado já se fazem notar, sobretudo no Alto Rio Negro, noroeste do Amazonas. Mas, ainda são muito poucas, o que pressupõe a existência de obstáculos quanto à aceitação destas produções no campo do conhecimento ecológico, por parte da academia e da ciência ocidental. Rezende (2015, s.p.), indígena da etnia Tuyuka reitera esta discussão afirmando que “a espiritualidade indígena é frequentemente vista com desconfiança, como algo alheio à ciência. Mas, para nós, ela é parte essencial do que chamamos de ciência indígena”.

O acesso de indígenas a programas de pós-graduação no Brasil, também esbarra em obstáculos. Alguns entram pelo sistema de cotas, outros entram por meio da política interna de cada programa e outros concorrem com pessoas não indígenas nos editais de pós-graduação de forma universal. Poucos entram, e, em meio a muitos obstáculos. Se, no âmbito acadêmico, o debate em torno de uma ciência que valorize os saberes ancestrais e o conhecimento indígena é ainda, incipiente, no âmbito dos movimentos indígenas este debate está tomando força.

Há dois momentos que demarcam o desenrolar dos debates em torno da ciência indígena: um primeiro movimento foi feito por parte das entidades nacionais de estudantes indígenas, que promoveram o primeiro encontro nacional para deslanchar oficialmente esta discussão. Estiveram presentes a Capes, o CNPq e o MEC – Ministério da Educação. O evento foi realizado em Brasília, na sede do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, no ano de 2023.

O segundo momento deu-se por meio da inserção de indígenas à política de internacionalização da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior que, no âmbito de uma política afirmativa, disponibilizou o Edital Abdias Nascimento que aportou recursos para prover estágio de bolsa sanduíche a estudantes indígenas e quilombolas, como também às missões científicas, envolvendo docentes e representantes do movimento estudantil indígena do Brasil.

O edital Abdias Nascimento de política afirmativa traduz-se numa forma de reparação ou justiça social aos povos indígenas, historicamente vilipendiados em nosso país. Os processos de colonialidade que promoveram a invisibilização destes sujeitos sociais, desde o século XVI, caminham paralelos à colonialidade do saber na medida em que trataram os indígenas como grupos sub-humanos, relegando seus conhecimentos (Santos, 2019). Essa política afirmativa,

embora tardia, dá sinais de valorização da presença indígena e quilombola no âmbito da ciência. Uma espécie de resgate da dívida social do Estado brasileiro para com essas populações tradicionais. A internacionalização se apresenta como uma possibilidade de troca entre realidades indígenas, cuja interatividade entre diferentes povos, enriqueceu o debate em torno dos conhecimentos indígena e quilombola.

PERSPECTIVA DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO INDÍGENA

As missões científicas que compõem as atividades do projeto “políticas de gestão territorial e ambiental em terras indígenas e quilombolas no Brasil e Bolívia”, contemplado pelo Edital Abdias Nascimento/Capes, têm como propósito a internacionalização dos conhecimentos indígenas e quilombolas. Aqui ocupar-me-ei de uma análise sobre a ciência indígena no campo da pós-graduação e da internacionalização destes conhecimentos.

Essas pesquisas intercambiadas e consubstanciadas em dissertações de mestrado e teses de doutorado, desenvolvidas por indígenas, têm a intenção de discutir o lugar dos conhecimentos específicos destes povos na ciência e na tecnologia, sob uma ótica própria de seus pensares e fazeres (Rezende, 2025), gerando novos conceitos e epistemes. As diretrizes metodológicas dessas trocas decorrem do caráter multidisciplinar dos temas abordados que são variados, mas todos eles convergindo para a construção de novas formas de abordagem no campo do conhecimento indígena.

O projeto retromencionado materializa-se no Convênio de Cooperação entre três universidades brasileiras e a Universidade Pública de El Alto, Bolívia. O Brasil participa neste convênio com as seguintes universidades: Universidade Federal do Piauí (proponente), Universidade Federal do Amazonas e a Universidade Estadual de Campinas, incluindo também a UPEI – União Plurinacional de Estudantes Indígenas. Participei da segunda missão científica, junto com um professor da UFPI⁴ e um estudante da UPEI⁵.

Essa missão consistiu na realização de um seminário ou workshop no qual os estudantes do Brasil apresentaram seus trabalhos investigativos, tendo como interlocutores os professores do Brasil escalados para esta missão e os professores da Universidade Pública de El Alto. As discussões ricas no âmbito do debate metodológico e da inovação de enfoques teóricos,

⁴ Professor Mairton Celestino da Silva da Universidade Federal do Piauí.

⁵ Estudante da Universidade Estadual de Campinas, Arlindo Alemão Gregório (Arlindo Baré).

envolvendo os povos indígenas do Brasil e Bolívia, junto com as experiências dos estudos das populações quilombolas, contribuíram para o fortalecimento da internacionalização dos conhecimentos indígenas.

As ações desenvolvidas pelos pós-graduandos brasileiros na cidade de El Alto compuseram um conjunto de atividades que inter cruzaram com suas pesquisas, a saber: levantamento de dados sobre a cidade El Alto, pesquisa social junto a uma amostra de mulheres Aymara nas feiras e na Universidade Publica de El Alto; e pesquisa social junto a uma amostra de homens no tema da espiritualidade indígena. Esta coleta de dados permitiu o cruzamento de informações sobre os indígenas do Brasil e da Bolívia, contribuindo para as análises aproximadas dos objetos de estudo consubstanciados nos textos da dissertação de mestrado, além da elaboração de textos para publicação em periódicos especializados e em coletâneas.

O desenvolvimento da internacionalização no contexto do intercâmbio das três universidades brasileiras retromencionadas, com a Universidade Publica de El Alto, Bolívia, requereu a realização de missões científicas por parte de pesquisadores de ambos os países. Três missões já foram realizadas. Duas na Bolívia envolvendo um seminário, realizado na Unversidade Publica de El Alto, momento em que as pesquisas foram apresentadas e debatidas com o público presente. A terceira missão da parte de professores da Universidad Publica de El Alto, ocorreu no Brasil no espaço da Universidade Federal do Amazonas, no âmbito de um congresso científico com programação reservada à internacionalização em questão.

No que diz respeito à relação da ciência indígena com a sociedade nosso propósito consistiu em construir pontes com o país vizinho para, juntos, contribuímos com os pilares desta ciência, em permanente diálogo com os indígenas e com suas entidades representativas. A aplicação destes conhecimentos, particularmente no campo da ciência indígena, traz mais benefícios ao desenvolvimento dos povos. São conhecimentos mais acessíveis, democráticos, inovadores e adequados para a solução de problemas no âmbito das questões sociais, políticas, econômicas e tecnológicas.

A segunda missão científica do projeto também contou com a realização de um seminário, no qual os estudantes do Brasil apresentaram seus trabalhos, cujos interlocutores foram professores do Brasil e da Bolívia. Comportou também atividades de orientação individual aos estudantes, reunião de avaliação das ações, confraternização coletiva e participação em manifestações políticas dos movimentos nacionalistas, nas cidades de El Alto e La Paz. Um engajamento político-social que contribuiu para alargar a visão de mundo de professores e

estudantes brasileiros, frente à noção de Estado plurinacional que a Bolívia possui.

A inserção da pesquisa no plano da internacionalização é fundamental para o avanço da pós-graduação do Brasil e da Bolívia, na medida em que amplia o impacto social e científico do trabalho de pesquisa compartilhado e contribui para com a cooperação e integração da ciência e do conhecimento. A formação de parcerias para o intercâmbio de pesquisadores e estudantes de pós-graduação com outras universidades, é uma ferramenta que vem ao encontro dos anseios da Capes que é o órgão institucional de avaliação da pós-graduação do país.

A Capes criada em 1951, é a instituição responsável pela pós-graduação no país e que assumiu a avaliação dos programas de pós-graduação como “uma prática rotineira em um processo que envolve a participação da comunidade acadêmica” (Noronha, 2008, p.131 – 132). A instituição fez “a articulação dos programas com o setor produtivo e com as demandas regionais, visando realçar a atenção de suas metas às necessidades de cada região concernentes à qualificação de pessoal em áreas específicas” (Noronha, 2008, p.132).

A internacionalização dos programas de pós-graduação por meio de pesquisas intercambiadas, é um dos critérios de avaliação dos programas adotado pela Capes. No que concerne à inclusão de segmentos vulnerabilizados na política afirmativa pós-graduada, é uma realidade bem recente. A pós-graduação brasileira tornou-se um instrumento de inclusão no contexto da internacionalização, contribuindo para que os programas assumam o desafio de dialogar e intercambiar conhecimentos, a partir da participação de estudantes indígenas em estágio de bolsa sanduiche⁶ o que significou um passo à frente no âmbito da política científica.

Noronha (2008, p.133), é lúcido em dizer que “na avaliação geral desses processos, pode-se afirmar que, em curto espaço de tempo, a pós-graduação no Brasil logrou muitos sucessos, notadamente, picos de expansão dos programas de mestrado e doutorado”. Agora também no plano da inclusão com políticas afirmativas para estudantes pertencentes a grupos historicamente excluídos dos processos educacionais, como foi o caso dos indígenas e das populações quilombolas.

A contribuição da Capes no âmbito da política afirmativa de internacionalização dos conhecimentos científicos deve ser reconhecida. Em termos legais a disponibilização do Edital Abdias Nascimento, representou um avanço na política científica, e, em termos de reparo aos

⁶ A primeira turma de pós-graduandos indígenas foi constituída por discentes do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, ambos da Universidade Federal do Amazonas. Dentre os resultados apresentados pelos sete pós-graduandos consta artigos publicados em periódicos especializados, trabalhos completos publicados em anais de eventos e capítulos de coletâneas, além da defesa de cinco dissertações de mestrado, restando a defesa de duas teses.

processos de exclusão e vilipêndio, representou o resgate de uma dívida social para com os povos indígenas. A perspectiva de educação integracionista começou a ser rompida por uma visão de alteridade, com respeito ao outro diferente culturalmente e com garantia dos direitos culturais. São grandes os desafios postos à ciência indígena, sobretudo no âmbito do preconceito, que é uma pecha incrustada no imaginário social contra os povos indígenas e seus conhecimentos. O preconceito é uma construção social que se firma no imaginário social de forma cristalizada, difícil de depurar. É preciso apurarmos os sentidos para percebermos o outro e suas diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência indígena é um debate recente no contexto da pós-graduação brasileira, embora as vozes indígenas tenham levantado esta discussão há algum tempo. A reivindicação de validação dos conhecimentos indígenas pela ciência ocidental, vem do movimento indígena que, recentemente, abriu este diálogo com as instituições de ciência do Estado brasileiro.

Os resultados dessas discussões mostram que as noções conceituais da ciência indígena tem suas raízes na sabedoria ancestral, prescindindo das verdades absolutas do cartesianismo que nucleou a ciência moderna. A ciência indígena põe-se nas sendas das narrativas míticas construídas milernamente pelos diferentes povos ameríndios.

Um conhecimento ecológico simultaneamente natural e sociocultural que emerge da tradição de oralidade dos povos indígenas e, que, aos poucos vai ganhando corpo, como é o caso da inserção de estudantes indígenas no processo de internacionalização, promovido pela Capes, nos últimos dois anos.

Os resultados da experiência de intercâmbio entre o Brasil e a Bolívia são revestidos de significados, tanto para a academia quanto para os povos indígenas que veem, hoje, seus conhecimentos serem valorizados pelo Estado brasileiro. A cidade de El Alto, localizada no altoplatino boliviano é habitada por uma população indígena, majoritariamente da etnia Aymara, que encontra-se nesse território desde a era pré-colombiana.

A troca de conhecimentos entre os indígenas brasileiros com os indígenas Aymara, de forma genuína e única, contribuiu significativamente para com a ciência indígena que encontra-se em construção na América Latina. A internacionalização desses conhecimentos permite o avanço da pós-graduação na medida em que se constitui num ambiente de construção do pensamento ecológico para além das fronteiras.

A multidisciplinaridade das ações como os encontros, congressos, missões científicas e técnicas; e as avaliações periódicas das metas e dos resultados obtidos, assim como a formação de redes de pesquisadores; torna a internacionalização uma ferramenta necessária à pós-graduação. O impacto na formação pós-graduada é significativo sobretudo no âmbito da construção da ciência indígena que encontra-se em estágio incipiente de debate.

A inclusão de indígenas na política científica da Capes contribui de forma significativa não só para a democratização da pós-graduação brasileira, mas sobretudo porque assume relevância ao desenvolvimento dos povos indígenas com o reconhecimento de seus conhecimentos. Estas reflexões iniciais emergem com um rico potencial de análise, mas contém limitações que poderão ser aprofundadas por outros estudos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos Archivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8/Fundação Universidade do Amazonas, 2008

BENJAMIN, Walter. **Passagens** Organizado por Wille Bolle. Traduzido por Cleonice Mourão. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007

CARVALHO, Edgard de Assis. **Edgar Morin: um pensador para o Brasil**. In: Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 8.N.2 Manaus: Edua, 2008

DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**. Vol I. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004

FAULHABER, Priscila. **Os papéis sociais de Constantin Tastevin e Curt Nimendaju: participação etnográfica na Amazônia na primeira metade do século XX**. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de; NORONHA, Nelson Matos de (orgs). *A Amazônia dos viajantes: história e Ciência*. Manaus: Edua, 2011

FONSECA, Mário Geraldo Rocha da. **A cobra e os poetas: uma mirada selvagem na literatura brasileira**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de letras da UFMG, 2013

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Traduzido por Juremir Machado da Silva. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007

NORONHA, Nelson Matos de. **Sociedade e Cultura na Amazônia: notas sobre o trabalho multidisciplinar na pesquisa e na pós-graduação (1998 – 2006)**. Manaus: Edua/FUA – Fundação Universidade Federal do Amazonas, 2008

PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. **A casa do mundo é a escola: saberes indígenas em movimento**. In: FARIA, Ivan Ferreira de et al (orgs). *Descolonizando a universidade: educação, interculturalidade, outros saberes e fazeres para além do discurso*.

Embu das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus: Edua, 2022

REZENDE, Justino Sarmiento. **Ciências indígenas e propriedades intelectuais: a luta contra a apropriação dos saberes e fazeres indígenas**. Palestra proferida no ENEI – Encontro Nacional de Estudantes Indígenas. Brasília, DF, 2025 (mimeo)

SANTOS, Boaventura Sousa. **O fim do império cognitivo: afirmações das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Traduzido por Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014